

Vou começar com uma citação:

“Estamos aterrorizados, sobretudo, pelo estado desastroso da sociedade humana hoje. Porque haverá quem não veja que a sociedade está no tempo presente, mais do que em qualquer altura no passado, a sofrer de uma doença terrível e bem enraizada, que todos os dias se desenvolve e ataca o íntimo do ser e assim o arrasta para a destruição? Compreendeis, Veneráveis Irmãos, que doença é esta — é a apostasia de Deus. É isso, pois, que na verdade não pode estar mais ligada à ruína, segundo as palavras do profeta: ‘Porque eis que os que se afastarem de Vós perecerão ...’ Quando se considera tudo isto, há boas razões para recearmos que esta grande perversidade seja um prelúdio, talvez mesmo o começo, daqueles males que estão reservados para os últimos dias; e que já pode estar no mundo o “filho da perdição” de que fala o Apóstolo. Em verdade, tal é a audácia e a cólera empregadas por toda a parte para perseguir a religião, para combater os dogmas da Fé, num esforço descarado para arrancar e destruir todas as relações entre o homem e a Divindade! Por outro lado, enquanto isto, segundo o mesmo Apóstolo, é a marca distintiva do Anticristo, o homem colocou-se, com infinita temeridade, no lugar de Deus, elevando-se acima de tudo o que se chama Deus; e de tal maneira que, embora não possa extinguir completamente em si próprio todo o conhecimento de Deus, tem desprezo pela majestade de Deus e, pode dizer-se, fez do universo um templo em que ele quer ser adorado.”

Estaremos no tempo do Anticristo?

Estas palavras não foram ditas pelo Padre Gruner em 2006; estas palavras foram escritas pelo último Papa a ser canonizado, S. Pio X, na sua primeira encíclica. Esta encíclica foi publicada em 1903. Portanto, há mais de 100 anos que este santo Papa, ao olhar à sua volta, ao pensar nas condições da sociedade moderna, viu onde estava o mal. Compreendeu que a situação era tão preocupante que, na sua primeira encíclica — e, como sabemos, a primeira encíclica de um Papa apresenta sempre a estrutura, o plano de todo o seu pontificado — falou do Anticristo.

Bem, talvez se possa dizer (e há pessoas que o dizem) que ele era mais um desses famosos profetas da desgraça sobre quem fomos “avisados” no discurso de abertura do Concílio Vaticano II. Ou que ele não era capaz de se adaptar às complexidades do mundo moderno e ao progresso tecnológico, e a todas as mudanças sociais e políticas. O que, por conseguinte, levou também a Igreja a procurar novas maneiras de fazer as coisas — o *aggiornamento* — a actualização, mudando as suas relações com o mundo moderno, com as outras religiões, traduzindo esta nova mentalidade para a vida quotidiana do Católico.

Eu sei que viemos de diversas nações, e que a situação é diferente em cada um dos nossos países, mas creio que, em geral, esta nova atitude de espírito e algo que permeia, em certo grau, todas as culturas, todas as Igrejas locais a que estamos associados. Portanto, creio que é perfeitamente legítimo fazer a pergunta seguinte: Quem tinha razão? Era S. Pio X? Foi mais realista em relação às condições do mundo moderno do que o Católico moderno, que aceita uma trégua com o princípio dos princípios da modernidade, envolve-se no diálogo e constrói pontes e tenta reconciliar todas as religiões e todas as culturas, para construir um mundo compreendendo todas as religiões existentes, trabalhando lado a lado, fazendo um mundo melhor, e assim por diante?

Onde encontrar a resposta

A resposta a estas perguntas, parece-me, está em compreendermos correctamente os princípios do pensamento moderno, e a seguir julgá-los à luz da recta razão e da Fé.

Então, como é o espírito do Anticristo de que fala aqui o Papa S. Pio X? É a revolta contra Deus. É a tentativa de substituir a ordem criada por Deus por uma ordem das coisas diferente. E como é que isto aconteceu? O que levou o Papa Pio X a referir-se ao homem que tentava sentar-se no trono de Deus? Vejamos os princípios básicos e fundamentais do pensamento moderno, sobre o qual este Papa escreveu outras encíclicas. Tenho a certeza de que conhecem, especialmente os membros do clero aqui presentes, a encíclica contra o Modernismo (*Pascendi*). Não sei se a ensinam nos seminários, mas creio que é uma das encíclicas mais profundas a tratar do pensamento moderno.

O pensamento moderno

O pensamento moderno afecta a dependência da mente em relação ao mundo real. Separa a mente da realidade. O conceito clássico do conhecimento é que reste a conformidade da mente com a realidade objectiva. A filosofia moderna está associada a uma revolução. A confusão actual entre os intelectuais do nosso tempo é o resultado de um longo processo de degradação filosófica, que começa com o nominalismo, no fim da Idade Média, passando pelo triunfo do arbítrio privado no Protestantismo, e culminando na filosofia moderna de René Descartes e mais especialmente no filósofo alemão Immanuel Kant. Segundo Kant, não é a realidade que faz a mente, mas é a mente, através das suas categorias inatas, que define o mundo exterior. **É esta "emancipação" entre a mente e o ser, a realidade objectiva, que define o pensamento moderno.*** Esta declaração de independência, como lhe podemos chamar, que está presente nas obras tão aclamadas de John Locke, David Hume, Kant e outros filósofos posteriores, desencadeia uma espécie de efeito de dominó. A partir da altura em que a mente se destaca da realidade e "recebe" os poderes divinos de criar o universo exterior, o mundo virá a reivindicar a independência da razão, e a consciência do poder objectivo da moral.

Quem tinha razão? Era S. Pio X? Seria ele mais realista em relação às condições do mundo moderno do que os Católicos de hoje?

O que triunfa então é a subjectividade de uma pessoa sobre a verdade objectiva. E então o homem faz-se Deus. Então o homem está a brincar a Deus, tentando criar a realidade fora da sua cabeça, em vez de compreender através da recepção da verdade que vem de Deus e do mundo que Ele criou.

De facto, a verdade, o próprio conceito de verdade, perde o significado, torna-se uma mera opinião devido à filosofia moderna. E se não há um critério objectivo por onde possamos julgar as diversas opiniões, mesmo as que se contradizem umas às outras, isto tem graves consequências para a vida dos homens, porque perdem a orientação nas suas vidas. Porque quando não há verdade objectiva, não há uma finalidade objectiva para a vida humana. É por isto que encontramos hoje tantas pessoas totalmente confusas sobre a finalidade da vida.

É a filosofia moderna que é responsável por minar não só o conhecimento do mundo natural, fora da mente, como também o conhecimento de Deus e a dependência do homem d'Ele. Isto também tem, claro está, consequências sérias na teologia, quando aplicamos os resultados básicos da filosofia moderna e os usamos ao tratar da religião. E por causa disso, acho que podemos dizer com

alguma justiça que há algo de diabólico na filosofia moderna. E não precisamos de ser filósofos, no sentido profissional, para o compreender, e para sabermos que há algo de errado com o pensamento moderno nos seus princípios.

A propósito, quem foi o primeiro ser inteligente que se revoltou contra Deus e contra o mundo criado e a ordem do mundo? Quem foi o primeiro a declarar a sua independência de Deus? Sim, é verdade — não foram os herejes dos primeiros séculos, nem Martinho Lutero no Século XVI; foi Lúcifer. Foi o demónio, quando exclamou: *Non serviam — Não servirei!* Ele é o pai do liberalismo. O portador da luz veio a ser o fundador, o criador e o instigador do projecto moderno do iluminismo [maçónico].

* **Nota do Editor:** Mais precisamente — Esta chamada emancipação do espírito é realmente a excravização do homem moderno às mentiras e às fábulas que levam à morte eterna e às tragédias temporais.